

AMAZÔNIA, ENCONTROS E DESENCONTROS

Índio diz que religião branca atrapalha

202

CPI que investiga as denúncias de internacionalização da Amazônia ouviu, na tarde de terça-feira na, Assembleia Legislativa de Roraima, os depoimentos do presidente da Associação dos Pilotos de Roraima; Roberto Fernandes da Silva, representantes das Missões Evangélicas da Amazônia (MEVA), Enoque Osório de Farias; "Mid Mission", Terry Cruthers; Novas Tribos do Brasil, Miguel Mechal Hartman; Asas do Socorro, Willy Enns; Jovens com uma missão (Jocum), Afonso Cortejo; além do bispo diocesano de Roraima, dom Aldo Mongiano; do consultor da Usagal, José Altino Machado; do vice-coordenador do Conselho Indígena de Roraima, Valdir Tobias e do ex-assessor especial para Assuntos Indígenas da Secretaria de Segurança Pública, Benedito José Magalhães. Os deputados federais por Roraima, João Fagundes (PMDB), também vice-presidente da CPI; Avenir Rosa (PDC), relator; Rubem Bento (PFL), Júlio Cabral (PTB) e Francisco Rodrigues (PTB), além dos deputados Lourival Feritas, do PT do Amapá, Tuga Angerami, do PSDB de São Paulo, e Beth Azize, PDT do Amazonas, fazem parte da CPI e formularam perguntas aos depoentes.

Sob um forte calor de quase 35 graus os trabalhos da CPI começaram na tarde de terça-feira na ALE com uma grande expectativa. O depoimento do bispo Aldo Mongiano, por causa de uma pane nas turbinas da Eletro-norte que geram energia para a capital, foi dado à luz de velas. O Bispo é denunciado, segundo os autos da CPI, de comprar fazendas próximas às fronteiras do norte do Estado, onde existem grandes reservas minerais e lá colocar tam-

bém índios guianenses. Também é acusado de usar a boa fé dos índios na exploração de minérios e na defesa da demarcação das reservas dos ianomami e das macuxi e taurepang, estas na região da Raposa e Serra do Sol, onde existem centenárias fazendas de gado.

Dom Aldo começou o seu depoimento falando do trabalho que a Igreja exerce, como a evangelização dos índios, a educação e a assistência à saúde. Ele enfatizou que todo o trabalho que tem sido feito na Missão do Catrimani, com os ianomamis, bem como o de incentivar a pecuária entre os macuxis e taurepangs, é fiscalizado pela Funai, Fundação Nacional de Saúde e autoridades locais.

O deputado Avenir Rosa discordou do Bispo, dizendo que o presidente da Funai, Sidney Possuelo, garantiria, em depoimento à CPI, que a entidade há muitos anos não tem fiscalizado as missões e que até o seu Departamento de Antropologia estava desativado.

Dom Aldo disse que a ação da Igreja tem sido transparente ao longo dos anos e que as três fazendas que a Igreja comprou na região - Maluquinha, Vendaval e Surumu, esta última com 700 cabeças de gado - foram doadas aos índios. O bispo é acusado também de subversão quando trabalhava em Moçambique. Ele disse que o trabalho que desenvolvia lá era de missionário, que essas acusações são pouco piedosas. Ressaltou que começou a conhecer o Brasil através do consul brasileiro em Moçambique.

O deputado João Fagundes, que denunciou a ação subversiva de dom Aldo, foi criticado arduamente pelo deputado Tuga Angerami. Tuga disse que atestado ideológico

era coisa que se pedia às pessoas na época da ditadura: "O que o senhor está fazendo, deputado, é o mesmo que se fez neste país durante 20 anos".

O depoimento mais forte na CPI acabou sendo de um participante que não estava incluído na lista de convocados: o índio macuxi Valdir Tobias, vice-coordenador do Conselho Indigenista. Ele foi aplaudido várias vezes ao dizer que os brancos é que brigam entre si em busca do poder pelas terras indígenas. Tobias garantiu que tem sua região e sua cultura e que é a religião branca que atrapalha o seu povo. Ele enfatizou que tem vergonha até do sofrimento que era impingido ao seu povo quando este era aterrorizado pelos fazendeiros.

Valdir Tobias pertence à região da Raposa, Serra do Sol, onde existem cerca de 300 fazendeiros. Há um mês a Funai recebeu uma liminar do juiz Luciano Franco, da 2ª vara da Justiça Federal de Brasília, determinando a retirada dos garimpeiros.

"A controvérsia é que muitos fazendeiros fornecem maquinários aos garimpeiros e aí começa a polêmica". Valdir adiantou que está em estudo a formação de uma organização única dos povos indígenas de Roraima para estudar a demarcação de suas terras. Ele garantiu à CPI que nenhum índio de sua comunidade garimpa para a Igreja e que também nunca viu padre garimpando. Ele alertou que é a Igreja Batista que mais interfere nas comunidades, proibindo os índios de dançarem ou beberem o caxiri, costume tradicional nos cultos indígenas. No final de seu depoimento, Valdir fez uma prece ao seu Deus na língua macuxi, o que acabou sendo a participação mais convincente do dia.